

A ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DOS “ESTRATAGEMAS” FEMININOS NO SÉCULO XIX*

Jane Cristina Franco de Lima Peralta**

Resumo

Visa apresentar o processo educacional da mulher para a assimilação dos “estratagemas” femininos utilizados pela mulher francesa, aristocrata e burguesa, na relação conjugal e social na França, por volta de 1850. Nesse período, através do convívio familiar e social, a mulher francesa aprende a realçar a beleza com uma toailete impecável, a utilizar o vestuário da última moda, a recepcionar convidados em seu salão, a freqüentar outros salões e a articular encontros com pessoas influentes e importantes com o intuito de alcançar os objetivos que almeja. Essa análise possibilita ao Serviço Social compreender como a mulher, independente do contexto histórico analisado, utiliza os ardis para saber lidar com o sexo masculino. Além disso, é possível se verificar também que a intervenção profissional pode ser enriquecida a partir da constatação dos meios e caminhos existentes para que a mulher alcance determinado fim, uma vez que esse profissional lida diretamente com a temática feminina.

Palavras-chaves: Educação; Mulher, França

Introdução

A capacidade de aprender é uma das características inerentes ao ser humano, que se realiza em todos os momentos

* Esse artigo faz parte da dissertação de mestrado apresentada por Jane Cristina Franco de Lima, ao Departamento de Fundamentos da Educação em Março/2000, da Universidade Estadual de Maringá-Paraná-Brasil, sob a orientação da Professora Doutora Terezinha Oliveira.

** Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual de Londrina em 1991 e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá-Pr em 2000; Assistente Social do Centro de Atendimento à Mulher, Secretaria Especial da Mulher, Prefeitura do Município de Londrina-Pr.

de sua vida, de uma forma constante e contínua. Em diferentes circunstâncias, o homem tem a possibilidade de aprender e de ensinar. Simples atos como os de alimentar-se, vestir-se, andar são aprendidos pelo homem através da educação, de sua convivência com outros homens. Nesse sentido, a educação possibilita a transmissão dos costumes, hábitos e valores, bem como pode favorecer mudanças nos comportamentos dos indivíduos que participam de uma determinada sociedade.

Os padrões de comportamentos e as regras sociais, definidos pelos costumes e valores, são apreendidos por meio de vivências. Um indivíduo aprende um determinado comportamento porque as pessoas ao seu redor estão constantemente lhe ensinando onde, porque e como deve proceder. Desse modo, a aprendizagem realiza-se no contato de uma pessoa com outra, sendo a convivência social requisito primordial do processo educacional. É somente com a convivência social que cada indivíduo aprende as regras de conduta e os modos de proceder para conviver uns com os outros. Logo, onde há convívio humano, há educação. A educação é eminentemente humana, possível de ser analisada sob os mais diferentes aspectos, tanto do ponto de vista das diferentes sociedades, quanto do comportamento de homens e mulheres.

No que diz respeito à educação da mulher na sociedade francesa do século XIX, percebe-se que a mulher é educada para assumir o comportamento de influência sobre o sexo masculino, tanto na vida conjugal, quanto social. Num processo lento e gradual, a mulher francesa aprende a lidar com determinadas situações, para conquistar os objetivos que deseja. Esses objetivos podem ser o apresentar-se na sociedade com um vestido da última moda, possuir um carro que a possibilite levá-la à ópera, teatro ou salões, destacar-se das demais mulheres do seu meio social, pagar as dívidas do amante, favorecer e facilitar a projeção social masculina, através da conquista de cargos políticos e melhores negócios, adquirir a sua própria projeção social, através da projeção do homem, o que a possibilita adquirir status social e elevar o padrão social da família.

Para atingir estes e outros objetivos, a mulher aristocrata ou burguesa aprende, por meio da educação, a realçar a beleza natural com uma toalete impecável ao apresentar um penteado sofisticado, limpar a pele e usar perfumes e colônias, utilizar vestuário e acessórios da moda com vestidos que modelem o busto e a cintura, touca de renda, sapatos, fitas de cetim e bolsas, recepcionar e receber os convidados nos salões, utilizando-se, para isso, das regras de etiqueta social, articular encontros com pessoas influentes na política e nos negócios e adquirir conhecimentos do mundo do comércio para administrar os negócios da família.

Dessa maneira, de posse desses estratagemas, a educação prepara a mulher para influenciar o homem na vida conjugal e social, com a finalidade de persuadi-lo a mudar de opinião, conforme o interesse feminino. Em seu papel de esposa, mãe ou irmã, a mulher francesa adquire a habilidade de convencer o homem a aceitar suas sugestões e conselhos, em benefício próprio ou de outra pessoa.

Independente dos interesses que a motiva, a mulher adquire, no cotidiano, a habilidade de influenciar o homem, utilizando-se das estratégias presentes na sociedade francesa do século XIX. Os momentos de convivência social, como os jantares, os bailes, os passeios, as conversas tornam-se oportunidades de aprendizagem, situações de educação para a mulher francesa no século XIX (KRUPPA, 1994, p. 21). A maneira como as mulheres olham, falam, vestem, caminham e fazem o toalete são momentos de ensino e aprendizagem para as mais jovens, que aprendem a comportar-se, conforme os padrões e regras desta sociedade. Portanto, é a convivência de uma mulher com outra que possibilita oportunidades de ensinar e apreender, onde “[...] o saber flui pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não sabe-e-apreende” (BRANDÃO, 1981, p. 18). Por se tratar de um comportamento que pode ser aprendido, a mulher adquire e desenvolve a habilidade de influenciar os

homens, ao encontrar, à sua volta, exemplos que as ensinem a utilizar todos os recursos disponíveis na sociedade da época.

A mulher não precisa freqüentar uma escola ou ler um manual para aprender a ser influente. É no cotidiano da família, e na relação com outros círculos de convivência que a mulher aprende a desempenhar os papéis e as condutas atribuídas ao seu sexo. No que diz respeito à família é, ela que proporciona um quadro compreensível de muitas das possibilidades e relações importantes que definem a mulher através da vida (ROSALDO, 1979, p. 41). É na família que são realizados os primeiros ensinamentos que possibilitam à mulher, aos poucos, adquirir e interiorizar certos comportamentos, inclusive o de influenciar o homem. Assim, desde a tenra idade, a mulher aprende a relacionar-se com as pessoas e as situações e a conhecer as regras e os costumes estipulados pela sociedade francesa do século XIX, mais especificamente o período compreendido em 1815 a 1848.

É, portanto, essa sociedade que determina a educação da mulher, bem como o papel social a ela atribuído. Aristocrata ou burguesa, a mulher está em contato constante com políticos, negociantes, artistas e músicos. Existe um vínculo muito estreito desses homens com as mulheres francesas, o que possibilita a elas participarem da esfera pública. Desta maneira, elas não se restringem ao ambiente familiar, isolando-se na esfera privada, cuidando somente da casa e dos filhos. Essas mulheres mantêm uma vida social bastante ativa, recebendo em seu salão, freqüentando outros salões, óperas e teatros. A sua interferência ou influência na vida política ou nos negócios da França ocorre de maneira natural, porque é educada para isso. Assim, compreender e identificar como se desenvolve o processo educacional da mulher francesa no período de 1815 a 1848, bem como os agentes envolvidos, os valores assimilados e a amplitude da influência feminina na sociedade da época é o objetivo deste estudo.

A primeira metade do século XIX, mais especificamente de 1815 a 1848, é um período de grande efervescência política,

econômica e social na sociedade francesa. Nesse momento, a França é governada por monarcas constitucionais que buscam instaurar novamente os valores aristocratas e a grande propriedade, destruídos na Revolução de 1789. A grande propriedade hereditária, os títulos e os privilégios aristocratas são incompatíveis com os ideários burgueses. A propriedade precisa estar disponível para ser repartida quantas vezes for preciso, os indivíduos não podem mais ser distinguidos por serem barões ou duques, mas pelo montante de dinheiro proveniente do lucro e da compra e venda de mercadorias. O terceiro estado, ou seja, a burguesia, está demasiada fortalecida para permitir a volta da produção nos moldes que existia no Antigo Regime.

Mesmo assim, entre 1815 a 1848, a aristocracia acalenta o sonho de acreditar na possibilidade de viver como no Antigo Regime, mas a impossibilidade de manter o padrão de vida, sem vincular-se ao comércio e a indústria, provoca o empobrecimento de muitas famílias aristocratas francesas. Embora a aristocracia esteja fadada à “extinção”, ela exerce sobre a burguesia uma forte influência. Seus valores são introjetados, assimilados pelos burgueses, implicando numa educação muito peculiar a esse período. As mulheres são educadas nesse contexto de dissolução da sociedade aristocrata e consolidação da sociedade burguesa. É essa peculiaridade que instiga o estudo da educação feminina na Restauração e na Monarquia de Julho, principalmente o comportamento de influência da aristocrata e burguesa na esfera pública e privada.

Para compreensão dessa realidade e da educação da mulher para influenciar o mundo dos homens, escolheu-se como fonte principal os romances de Honoré de Balzac, contidos em *A Comédia Humana*. É em meio a esse contexto que Balzac escreve seus romances. O autor procura retratar em *A Comédia Humana* aquilo que ocorre diante de seus olhos, demonstrando os anseios, as dificuldades, os prazeres, as alegrias e a educação das pessoas, inclusive das mulheres, que pertencem às classes sociais da

sociedade francesa restaurada. Devido à escolha da literatura como fonte principal e da importância de A Comédia Humana nesse período, convém explicar acerca da contribuição de Balzac ao mundo literário, para compreender como literatura e realidade caminham juntas nesse momento histórico.

Segundo Lukács, a literatura possui um imenso poder social, pelo fato de que nela o homem surge sem mediações, em toda a riqueza de sua vida interior e exterior. O homem real passa por contrastes, lutas e conflitos na vida social, que podem ser representados na literatura (LUKÁCS, 1968, p. 84). Essa representação abre perspectivas para investigar uma determinada realidade, inclusive a educação que prepara o indivíduo para conviver na sociedade.

A literatura permite captar o movimento social de um período histórico, bem como as ações e reações dos atores sociais diante desse movimento. Possibilita, também, compreender como o processo de educação dos homens se realiza, alterando significativamente a forma de se comportarem diante das transformações sociais que ocorrem à sua volta. Trata-se, muitas vezes, de alterações dolorosas e imperceptíveis, como mostram os personagens de Balzac.

Nesse sentido, a literatura abre-se como uma nova perspectiva de conhecimento da realidade a ser investigada, pois, representa

[...] a relação dinâmica existente entre o indivíduo e os encaminhamentos gerais, históricos de uma determinada época, revelando que o modo de pensar, agir, amar falar ou vestir, a adoção ou abandono de valores, etc. extrapolam os limites da pura individualidade [...] (ROSA, 1998, p. 2).

A Sociedade Francesa no Século XIX

A educação da mulher francesa, nas primeiras décadas do século XIX, só pode ser entendida mediante a análise do contexto histórico que a origina e a sustenta. As regras, os costumes e os modos de proceder decorrem e provêm de condições históricas específicas, que determinam o que deve ser ensinado para a continuidade da sociedade francesa. Em virtude disso, faz-se necessário analisar a Restauração e a Monarquia de Julho, para compreender a educação feminina nesse momento e identificar os valores que são ensinados.

Do ponto de vista político, os anos de 1815-1848 não são menos ardentes que os anteriores. O regime parlamentar passa a ser visto como a solução do presente e do futuro diante dos impasses que surgem. Se na Restauração o parlamentarismo está buscando se firmar, é somente na Revolução de Julho que este passa a triunfar. As disputas políticas entre os partidos (ultra, legitimistas, liberais e doutrinários) revelam que os interesses são os mais diferentes e diversos. Conspirações, motins, alianças, rompimentos marcam as relações estabelecidas pelos partidos e por seus partidários e participantes, para atingirem os objetivos desejados pelas classes sociais.

Envolvidos nessa luta de interesses, burguesia e aristocracia procuram meios e caminhos para se manterem no poder. Em 1815, a Restauração possibilita o retorno da aristocracia ao cenário político e social francês. “[...] Marque en apparence le triomphe de la réaction, qui tente d’imposer ses tendances, ses traditions, ses forces [...]” (DROZ, 1970, p. 5). Aparentemente a aristocracia está garantida pelo fato de ter sob seu domínio um monarca. Entretanto, essa classe não pode voltar conforme existia antes do Antigo Regime, antes de maio de 1789, com suas tradições, com os privilégios de alto nascimento, com o monopólio dos altos cargos administrativos e com a propriedade hereditária.

Segundo Tocqueville, essa classe não pode mais renascer conforme existia antes, tendo em vista que a Revolução Francesa altera a constituição da aristocracia. Esse é um período onde as instituições aristocratas e feudais estão sendo profundamente contestadas. Mesmo que a aristocracia recupere seus títulos e bens, não pode viver como no Antigo Regime. (1989, p. 76 e 124)

Desde então, a burguesia, que domina a economia antes mesmo da Revolução, encontra, no século XIX, as condições de que necessita para tornar-se ainda mais fortalecida. O burguês se enriquece sem cessar, adquirindo uma riqueza muito parecida com a da aristocracia, ou seja, grandes propriedades rurais e senhoriais.

Se a burguesia encontra solo profundo para prosperar, a aristocracia, por sua vez, tende a definhar-se e a lutar com dificuldade para assegurar sua existência. Antes mesmo da Revolução, é constante o empobrecimento dos nobres, em virtude da divisão da propriedade rural. Os nobres entregam suas terras aos camponeses, ficando apenas com as rendas rurais e direitos senhoriais. Essas rendas lhes possibilitam manter com muita dificuldade o padrão de vida nobre. (TOCQUEVILLE, 1989, p. 106)

Ao enobrecer-se, a burguesia passa a ser reconhecida e recebida em determinados meios sociais aristocratas. Percebe-se, portanto, uma busca constante dos valores e tradições aristocratas. A aristocracia exerce uma relativa fascinação sobre a burguesia, mesmo não se tratando mais da classe dominante. Ao enriquecer, a burguesia busca o enobrecimento, as maneiras e os costumes da sociedade do Antigo Regime. O contínuo enobrecimento dos burgueses provoca, na mesma medida, o enfraquecimento da antiga nobreza.

Embora os monarcas (Luis XVIII e Carlos X) defendam esses valores, os aristocratas enfrentam dificuldades financeiras para manter seu padrão de vida. A crise que se agrava em 1827 origina-se muito tempo antes. A aristocracia, que retorna com a

Restauração, utiliza-se do morgadio¹ para fortalecer novamente os laços da terra com a família. O fortalecimento dos laços possibilita à nova aristocracia constituir grandes propriedades hereditárias, seguindo a lei de primogenitura. Para ser considerado nobre, não basta a constituição do morgadio. É necessário possuir títulos nobiliárquicos. O retorno do morgadio ao Império e a manutenção do mesmo na Restauração não asseguram a indivisibilidade da propriedade defendida pela aristocracia restaurada. A Revolução que altera a constituição da propriedade modifica, também, a família baseada na consangüinidade.

Nesse contexto, o embate ultrapassa a questão da propriedade. “[...] O restabelecimento de valores e instituições aristocráticas insere-se, deste modo, no projeto de contrapor-se às tendências democratizantes. O fortalecimento da tendência aristocrática tinha por finalidade estabelecer um contrapeso às da democracia [...]” (OLIVEIRA, 1997, p. 39)

Ainda que a grande propriedade seja preservada, a aristocracia enfrenta dificuldades para mantê-la nos moldes do Antigo Regime e, assim, sustentar a família. Para enfrentar as dificuldades financeiras, a aristocracia encontra no exercício das atividades públicas a possibilidade de adquirir rendas e acumular bens. Essa classe procura, assim, por meio de cargos políticos ou militares, sustentar a sua posição econômica e política. Entretanto, segundo Constant, a aristocracia não pode mais prolongar sua existência, pois suas bases encontram-se solapadas. As leis que garantem a permanência da aristocracia restaurada, inclusive das grandes herdades, estão em flagrante contraste com a ordem dos acontecimentos. (CONSTANT, 1829, p.5)

A Revolução de 1830 representa, ao mesmo tempo, uma vitória da burguesia sobre a aristocracia e uma reivindicação em favor do estabelecimento da soberania popular. O

¹ Certos bens vinculados que não podem ser vendidos nem alienados e que, por morte do possuidor, passam para o filho primogênito.

desenvolvimento da grande indústria e o progresso da Inglaterra sobre o continente rompe os planos da sociedade da Restauração e possibilita à burguesia tornar-se o elemento principal da vida política do país. Ao despojar do poder a nobreza e o clero, a burguesia assume a direção do governo, na figura de Luís Felipe. Nesse contexto, a maioria dos nobres que participa da vida pública decide afastar-se por não concordar com a política burguesa do rei. Eles recusam, inclusive, a prestar juramento de fidelidade ao rei que assume o poder.

Sustentado apenas pela burguesia, Luís Felipe assume características que podem ser consideradas as de um rei burguês. Essas características são reforçadas, quando nomeia para ministros alguns burgueses. Essas nomeações são garantidas por causa do apoio oferecido ao rei pela burguesia, com o intuito de se manterem no poder.

Os interesses financeiros motivam o burguês, desejoso de possuir um carro para não precisar ir a pé ao teatro ou à ópera, adquirir um palacete ou uma casa mais bem aquecida, a roupa da última moda e freqüentar a alta sociedade parisiense, burguesa ou aristocrata. Para poder satisfazer essas e outras necessidades, o burguês sujeita-se ao trabalho e nisso resume todos os seus interesses, tornando-se um indivíduo ora mesquinho, ora desonesto, ora astuto, conforme a situação.

Nessa sociedade, o dinheiro passa a regular, cada vez mais, a vida e as relações humanas. Essas novas relações não são compatíveis com a forma de vida da aristocracia. Os valores de vida da aristocracia não se adaptam ao mundo do dinheiro. Trata-se de um ritmo diferente, uma nova forma social de produção da vida, que exige maneiras diferentes de relacionar-se. Neste sentido, por não se aliar ao comércio e à indústria, aos poucos, a sociedade aristocrata francesa tende a extinguir-se.

Cada vez mais empobrecidos, a aristocracia, após a Monarquia de Julho, não encontra meios para garantir sua existência. As terras, ao serem desvinculadas de seus proprietários

a partir de 1830, evidencia a extinção e o esgotamento da grande propriedade hereditária. De acordo com Constant, a grande propriedade inalienável não condiz com o estado presente da sociedade burguesa, pois as novas regras exigem a circulação constante da propriedade, para ser vendida quantas vezes for necessário. (CONSTANT, 1829, p. 4)

A fragmentação da propriedade atende às exigências da sociedade burguesa. Nesse contexto, novas relações passam a ser estabelecidas. A aristocracia é cada vez mais pressionada a vender suas terras, quer pela impossibilidade de manter a propriedade, quer pela pressão realizada pela burguesia especuladora. O camponês que luta contra o latifúndio e que consegue adquirir a terra não dispõe, na mesma medida, de recursos para mantê-la.

É esse desenvolvimento capitalista na França e as principais tendências desse desenvolvimento, nas suas mais sutis formas, no campo e na cidade, que Balzac retrata em seus romances. A Comédia Humana mostra a unidade deste desenvolvimento, em que Revolução, Consulado, Império, Restauração e Monarquia de Julho formam, para Balzac, etapas do processo unitário e contraditório de capitalização da França.

O pensamento, a obra e os personagens de Balzac são frutos de uma época em que quem é artesão sonha em possuir a loja, em que quem é proprietário de um comércio sonha ver seu filho advogado, médico ou funcionário do Estado. Essa é uma época em que ter um título, possuir um camarote na ópera e freqüentar os salões da aristocracia são as maiores realizações de homens e mulheres franceses, principalmente dos burgueses.

Diante desse contexto de revitalização dos valores aristocratas, a educação assume a tarefa de preparar a mulher para cumprir seu papel e função social na sociedade restaurada. Quer aristocrata ou burguesa, esses valores interferem profundamente no processo educacional feminino. É necessário que a mulher aprenda a vestir-se, andar, falar e agir de acordo

com os padrões preestabelecidos. Para poder influenciar o cônjuge e a sociedade, interferindo, assim, nas relações sociais, a mulher precisa de exemplos ao seu redor.

A Aprendizagem dos “Estratagemas” Femininos no século XIX

É nesse cotidiano de relações sociais que a mulher francesa, aristocrata ou burguesa², exerce um relativo poder, fascínio e influência sobre o homem. Para poder exercê-los, quer na vida conjugal, quer na vida social, a mulher aprende, por meio da educação, a utilizar determinados atributos e recursos com maior perspicácia e que são difundidos pela família e pela sociedade francesa nos primórdios do século XIX. Entre os inúmeros atributos e recursos existentes, a mulher pode servir-se da beleza, do vestuário, dos ornamentos, dos adornos, da linguagem, da fala, do olhar e dos gestos para fascinar e influenciar o homem.

No decorrer de sua vida, independente do momento histórico e sociedade, a mulher adquire, em tão grande escala, a habilidade de empregar esses atributos e recursos, denominados de “estratagemas femininos”, que esses passam a ser tidos como normais. Para Montagu, que analisa os estratagemas das mulheres contemporâneas,

[...] em algumas mulheres, tais ardis chegam quase a ser uma segunda natureza e é muito difícil distinguir entre o que é primário e o que é secundário ou adquirido na natureza humana”, pois, “[...] as mulheres, desde cedo, desenvolvem uma estratégia de truques e ardilosas evasivas para cuidar do problema.

² Nesse artigo, optou-se por falar dessas duas classes sociais, por estarem elas representadas nos romances de Honoré de Balzac. Esse romancista, por estar vinculado aos ideais aristocratas e estar vivenciando o período da Restauração e da Monarquia de Julho, busca revelar mais o cotidiano dessa classe e da burguesia, do que falar da camponesa ou da proletária.

Desmaios, lágrimas, histeria e outros estratagemas da “fraqueza feminina” constituíam, até o princípio do século XX, um equipamento-padrão [...] MONTAGU, 1970, p. 36-7).

Analisando sob esse prisma, fica difícil delimitar o que é adquirido e assimilado por meio da educação, e o que faz parte da natureza feminina. Independente desta questão, é possível verificar que a mulher francesa adquire desde a infância, gradativamente, os conhecimentos e as habilidades necessárias para empregar esses estratagemas que se encontram disponíveis e aos quais ela pode ter acesso.

Para analisar o processo educacional feminino francês, especificamente o período compreendido entre 1815 e 1848, e o emprego desses estratagemas pela mulher aristocrata ou burguesa, utilizou-se como fonte principal algumas obras do escritor Honoré de Balzac (1799-1850). Segundo ELIAS, os autores do século XIX passaram a mostrar como as pessoas viviam e não simplesmente a narração dos acontecimentos:

descreviam encontros entre as pessoas e, ao mesmo tempo, o ‘fluxo de consciência’ delas ao se encontrarem [...]. A especial sensibilidade dos escritores permitiu-lhes, como uma espécie de vanguarda da sociedade, perceber e expressar mudanças que estavam ocorrendo no campo mais amplo das sociedades em que viviam [...]. (1994, p. 87)

Em *A Prima Bette*, por exemplo, Balzac mostra como a beleza, o talhe e as maneiras de Adelina Fischer encantam os homens, que por ela passam, inclusive seu futuro marido, general Hulot,

Adelina Fischer, uma das belas dessa tribo divina, possuía os caracteres sublimes, as linhas serpentinadas, o tecido venenoso das mulheres que nascem rainhas. A cabeleira loura, que nossa mãe Eva recebeu das mãos de Deus, um talhe de imperatriz, um ar de grandeza, um perfil de contornos augustos, uma modéstia aldeã, atraíam, à sua passagem, todos os homens,

encantados, como os amadores diante de uma Rafael; assim, o intendente viu a Srta. Adelina Fisher e pouco tempo depois a desposava, com grande espanto dos Fischer, educados na admiração dos seus superiores (BALZAC, 1952, p. 39).

A mulher que possui esses caracteres não passa despercebida aos olhares masculinos. A sua beleza física (linhas serpentina, cabelos louros) acrescida de sua conduta (talhe, ar de grandeza) desperta nos homens uma certa curiosidade. O olhar do homem repousa sobre ela porque, de alguma forma, ela destaca-se sobre as demais. Para despertar os olhares masculinos, a mulher não pode ser apenas bela. Ela precisa, também, apresentar um comportamento condizente com os valores e costumes de sua época. Convém salientar que para o autor, devido à sua inclinação para a nobreza, o padrão ideal de mulher é a aristocrata.

No romance intitulado *A Falsa Amante*, Balzac evidencia a beleza natural, o vestuário e as atitudes de Clementina Laginski, em sua intimidade com o marido, Conde Adão Laginski.

[...] Loura e delgada, com os cabelos penteados à inglesa, assemelhava-se naquele momento a essas figuras quase fabulosas dos Keepsakes, sobretudo quando vestia seu peignoir de seda à moda da Pérsia, cujas pregas fofas não ocultavam bastante os tesouros do seu corpo e a delicadeza de sua cintura, para que não se pudesse admirá-la através dos espessos véus de flores e de bordados. Ao cruzar-se por sobre o peito, a fazenda de cores brilhantes deixava ver a parte inferior do pescoço, cuja tonalidade branca contrastava com as de uma rica guípara que lhe cobria os ombros. Os olhos, cercados por cílios negros, aumentavam a expressão de curiosidade que contraía a sua linda boca. Sobre a fronte, bem modelada, notavam-se as rotundidades característica da parisiense caprichosa, risonha, instruída, mas inacessível às seduções vulgares (BALZAC, 1954a, p. 475).

O peignoir de seda de Clementina deixa à mostra suas formas sedutoras. Nessa passagem, Balzac mostra que o peignoir pode valorizar o corpo feminino e, assim, demonstrar a personalidade através das condutas dessa aristocrata. Mesmo nos momentos íntimos, a mulher deve empregar a sedução para conquistar seus objetivos. A sedução que exerce sobre seu marido garante à Clementina a admiração do Conde por sua pessoa.

[...] Aquela franzina condessa já tinha sabido tornar-se senhora de sua casa, pois que apenas atendia à admiração de Adão. Nos olhares que de soslaio dirigia a ele, talvez já houvesse a consciência da superioridade de uma parisiense sobre aquele polonês franzino, magro e ruivo (BALZAC, 1954a, p. 476).

Nesse sentido, essa mulher utiliza a linguagem da sedução para influenciar seu marido. Segundo Branco, uma outra pesquisadora da atualidade, que analisa a problemática feminina, a sedução é uma forma de poder que dispensa o uso das palavras (BRANCO; BRANDÃO, 1989, p. 50). Na relação homem e mulher, os gestos e as atitudes assumem um papel preponderante, dispensando as palavras. Dessa maneira, a aristocrata não deve descuidar-se da aparência e das atitudes no cotidiano familiar.

Não é somente na intimidade que a mulher utiliza desses estratégias. Na vida em sociedade, as disputas são ainda maiores. Segundo Balzac, as mulheres querem ser admiradas por homens e reinar nos salões franceses. A Sra. Firmiani, do romance com o mesmo nome, aparece com todo seu esplendor em um salão aristocrata.

Por um desses acasos, que só acontecem às mulheres bonitas, ela se achava num momento em que todas as suas belezas brilhavam com um esplendor particular, talvez devido ao clarão das velas, a uma toailete admiravelmente simples, a não sei que reflexo da elegância em cujo seio ela vivia. Há um momento em que, satisfeita com os seus adornos, achando-se

espirituosa, feliz por ser admirada, aos ver-se rainha de um salão cheio de homens notáveis que lhe sorriem, uma parisiense tem consciência de sua beleza, de sua graça: ela se embeleza então com todos os olhares que recolhe e que a animam, mas cujas mudas homenagens são entregues por um olhar sutil ao bem amado (BALZAC, 1954b, p. 435-6).

Para ser admirada, receber olhares e sorrisos masculinos, a mulher precisa de uma toailete que a deixe ainda mais bela. A escolha dessa toailete depende do meio social em que vive e daquele em que foi educada. O vestuário, o penteado e os adornos contribuem para tornar a mulher o centro das atenções e exercer um relativo poder sobre os homens que se encontram à sua volta: “Nesse momento, a mulher está como investida de um poder sobrenatural e torna-se uma adorável feiticeira; coquete sem o querer, inspira involuntariamente o amor que a embriaga em segredo e tem olhares e sorrisos que fascinam [...]” (BALZAC, 1954b, 435-6).

Nas ocasiões em que essa mulher se apresenta à sociedade, sua toailete precisa deixá-la maravilhosamente bela e atraente. Tudo contribui para fazê-la brilhar, desde o vestuário impecável até os seus gestos mais ínfimos. Para Balzac, a mulher “*comme il faut*” deve emergir em seu traje sedutoramente e exibir as formas de seu corpo (BALZAC apud GASTALDI, 1940, p. 159).

Para fascinar e ser influente, a mulher precisa, por exemplo, acompanhar a moda. A Sra. de Bargeton, do romance *As Ilusões Perdidas*, “usava seguindo moda então recente, um pequeno gorro talhado em veludo negro. [...]. O vestido, negligentemente trespassado, deixava ver um colo de neve, onde o olhar adivinhava seios intatos e bem implantados [...]” (BALZAC, 1955a, p. 55).

A escolha adequada do vestuário e ornamentos enriquece a fisionomia da mulher. Mesmo encontrando-se na idade madura, essa mulher atrai a atenção para si, ao vestir-se conforme os padrões da moda francesa dos primórdios do século XIX.

Estar na moda indica que a mesma acompanha as inovações o que lhe possibilita adquirir prestígio perante os seus convivas.

Na passagem acima, é o vestuário que destaca a mulher. No caso de Hortênsia, filha de Adelina Fischer Hulot, é a beleza, os gestos e as atitudes que provocam a atenção:

quando seus olhos, de um azul do mar, irradiando o fluído próprio da inocência, se detinham sobre um transuente, ele involuntariamente estremeceia.[...]" (BALZAC, 1952, p. 43-4).

Hortênsia é uma mulher bela. Seus cabelos, seus olhos, sua altura, seu peso e o seu talhe lhe proporcionam o físico de uma "deusa". Nessa passagem, Hortênsia destaca-se das demais mulheres por causa de sua desenvoltura. Tanto quanto Hortênsia, Modesta Mignon, do romance com o mesmo nome, filha de Betina Mignon, é

[...] esbelta, tão delgada como uma dessas sereias inventadas pelos desenhistas ingleses para os seus livros de belezas, Modesta apresentava, como outrora sua mãe, uma faceira expressão dessa graça tão pouco compreendida em França, onde nós a chamamos pieguice [...] (BALZAC, 1955b, p. 373).

A beleza de Hortênsia e Modesta não é suficiente para torná-las mulheres fascinantes e influentes, que detêm certo poder e prestígio. Elas precisam possuir um comportamento que as destaquem das demais mulheres. Portanto, esse destaque provém da educação que receberam no contexto familiar e social. Educação essa formativa, que desperta, explica, encoraja, inibe, desenvolve ou atrofia, seleciona e oferece características à personalidade de cada uma delas.

Na mesma medida em que as aristocratas, as burguesas, por meio da educação, adquirem os conhecimentos e desenvolvem as habilidades necessárias para influenciar o homem e a sociedade. A mulher provinciana, burguesa, também exerce sedução e

magnetismo sobre seus pares. Diná de La Baudraye, do romance *A Musa do Departamento*, é um exemplo dessa mulher:

Quando, numa manhã de primavera, em 1825, apareceram no Mail a bela Sra de La Baudraye com um vestido de veludo azul e sua mãe em vestido de veludo preto, um grande clamor se elevou em Sancerre. O vestuário confirmou a superioridade da jovem senhora, educada na capital do Berri” (BALZAC, 1955c, p. 294).

O vestido de veludo é, naquele momento, a última moda em Paris. Diná causa um grande clamor ao aparecer vestida dessa maneira na província. Como no caso da Sra. de Bargeton, a Sra. de La Baudraye destaca-se das demais por utilizar o vestuário da moda. Evidentemente que somente o vestuário não é capaz de provocar essa admiração, mas também suas atitudes e linguagem, pois, “[...] não tolerava em ninguém palestras vazias, nem galanteios fora de moda nem frases sem valor” (BALZAC, 1955c, p. 294).

Outra burguesa, Úrsula Miroeut, do romance com o mesmo nome, também veste-se de maneira atraente ao utilizar vestuário da moda: “[...] Trajava um vestido de musselina branca em forma de roupão, adornado, de distância em distância, de laços azuis. A capa, orlada com uma fita igual, enfiada numa larga bainha, e amarrada por laços semelhantes aos do vestido, deixava perceber a beleza do busto” (BALZAC, 1953, p. 47-8). A combinação adequada dos acessórios por parte da mulher possibilita adquirir prestígio perante as outras mulheres, uma vez que os olhares são atraídos para si. Os traços e os gestos assumem, também, um papel decisivo para torná-la fascinante. “[...] A nobreza de sua existência revelava-se por uma admirável acordo entre os traços, os gestos e o aspecto geral de sua pessoa, que podia servir de modelo à confiança ou à modéstia” (BALZAC, 1953, p. 47-8). A educação forma a personalidade dessa mulher, em que os traços físicos e os gestos compõem a sua maneira de ser e agir. Para Berger, autor contemporâneo, esta personalidade é atribuída, sustentada e transformada pelo convívio em sociedade

(BERGER, 1983, p. 112). As mulheres que não aprendem, no convívio em sociedade, a utilizar as habilidades e ardis satisfatoriamente, os adquirem no decorrer do casamento.

Essas mulheres, aristocratas ou burguesas, podem estar com o vestido, o penteado, as jóias e o leque da última moda, mas, se não participarem das conversações, tendem a passarem despercebidas. Para ser notada, a mulher não pode calar-se diante dos demais convidados. Ela precisa expor suas opiniões acerca da música, da política, da arte, da literatura. É preciso “equiparem-se” para enfrentar as exigências da vida social, sob pena de ser isolada pelo cônjuge e demais pessoas de seu círculo social. Nesse sentido, é a educação que fornece os elementos, os estratagemas, que necessitam para influenciar e fascinar o homem e a sociedade francesa. A burguesa Úrsula Mirouet, do romance com o mesmo nome, compreende a importância da educação para a mulher da sociedade. No caso de Úrsula, esta dedica-se ao canto, ao estudo da harmonia e da composição e realiza inúmeras leituras na biblioteca do padrinho, para completar sua formação (BALZAC, 1953, p. 131).

No decorrer da existência humana, determinadas regras de conduta e de comportamento são aprovadas pela sociedade e repassadas de geração para geração. Em meio a esse processo, a mulher se depara com os limites colocados pela convivência social. Sua sensibilidade e intuição lhe permitem ultrapassar os limites que são impostos pela sociedade ao sexo feminino. É desta forma que a mulher elabora fontes alternativas para influenciar. Quer pela beleza, linguagem, sedução, a mulher convence os pares de que seus interesses não atendem somente a si própria, mas também aos interesses de sua família.

Cada classe social estabelece suas exigências, conforme as regras, usos e costumes, determinando o que a mulher francesa deve aprender para assumir seu papel social. Ao encontrar exemplos à sua volta, ela aprende a andar, vestir-se e a falar de acordo com os padrões socialmente aceitos. Dessa maneira, a mulher francesa consegue convencer o marido a adquirir uma propriedade no campo

ou um colar de diamantes, seduzir um amante ou um pretendente e ser admirada pela sua beleza e elegância. Enfim, por meio da educação, a mulher convence, seduz, intercede, esconde e revela para atingir esses e outros objetivos.

É justamente essa capacidade feminina, de aprender a utilizar certos meios, para lidar com determinadas situações, que pode ser utilizada para enriquecer a intervenção do assistente social, especialmente quando mulheres são atendidas por esse profissional. Em muitos casos, é possível sugerir a mulheres agredidas, por exemplo, que é mais fácil usar certas manhas, para conseguir a separação consensual, do que partir para a solicitação direta e expressa. Assim, sendo profissionais ou lidando diretamente com mulheres, a análise dos estratagemas possibilita compreender que existem caminhos mais sutis, que oferecem melhores resultados ao se lidar com o sexo masculino ou com outras mulheres.

Abstract

The purpose is to present women's educational process in the assimilation of female stratagem utilized by French, aristocratic and bourgeois women in the marital and social relations in 1850 France. In this period, through the family and social relationships, French women learn to accentuate beauty with perfect grooming and to utilize up-to-date fashion, to welcome guests in their parlors and to frequent other parlors and create meetings with other influent and important people with the goal to reach personal objectives. This analysis enables the Social Services to understand the independent women in their historical context, and how they utilize tricks to learn to deal with males. Beyond that, it is possible to verify that the professional intervention can be enriched from the verification of the existent means and ways women use to arrive at a predetermined end, since this professional deals directly with female themes.

Key-Words: Educacion; Woman; France.

Referências Bibliográficas

BALZAC, H. A Falsa Amante. In: *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1954a, vol. 2.

_____. A Musa do Departamento. In: *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1955c, v. 6

_____. A Prima Bette. In: *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1952, v. 10

_____. A Sra. Firmiani. In: *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1954b, v. 2

_____. As Ilusões Perdidas. In: *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1955a, v. 7

_____. Modesta Mignon. In: *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1955b, v. 1

_____. Úrsula Mirouet. In: *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Globo, 1953, v. 5

BERGER, P. *Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanista*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

BRANCO, L. C. ; BRANDÃO, R. S. *A Mulher Escrita*. Rio de Janeiro: Casa-Maria, 1989.

BRANDÃO, C. R. *O que é Educação*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. Coleção Primeiros Passos.

CONSTANT, B. *Da Divisão das Propriedades Hereditárias*. [S.l.: s.n.], 1829. (Mimeografado)

DROZ, J. *De la Restauration a la Revolution (1815-1848)*. Paris: Armand Colin, 1970.

ELIAS, N. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

GASTALDI, S. *Vida e Obra de Balzac*. São Paulo: Guáira Ltda, 1940.

KRUPPA, S. M. P. A Educação como tema da Sociologia. In: *Sociologia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

LUKÁCS, G. *Marxismo e Teoria da Literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MONTAGU, A. *A Superioridade Natural da Mulher*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

OLIVEIRA, T. *Civilização e Lutas Políticas: Guizot e a Idade Média*. Assis, 1997. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 1997.

ROSA, S. História da Educação no Brasil: A Literatura como Fonte Alternativa. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 1998, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 1998.

ROSALDO, M. Z. A Mulher, a Cultura e a Sociedade: Uma revisão Teórica. In: *A Mulher, a Cultura e a Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

TOCQUEVILLE, A. *O Antigo Regime e a Revolução*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1989.